

A pessoa

Doc 319A

PREFEITURA DO MUNICIPIO DE SÃO PAULO

SECRETARIA DE EDUCAÇÃO E CULTURA

A DISCOTECA PÚBLICA MUNICIPAL, do Departamento de Cultura da Prefeitura de São Paulo, tem o prazer de convidar V.S. para assistir ao seu 110º Concerto de Discos, com comentários, a realizar-se no dia 24 de março de 1955 às 21 horas, em sua "Sala Luciano Gallet" (Av. Brigadeiro Luís Antônio, 278, 6º andar)

O programa é o seguinte:

1ª PARTE

FRANCIS POULENC (França, 1899-)

- 1) L'Eventail de Jeanne - nº8: Pastoral
- 2) Trois Pièces pour le Piano - nº2: Tocata

Wladimir Horowitz (piano)

- 3) Trio para pistão, trombone e trompa

Harry Glantz (pistão), Gordon Pulis (trombone), Arthur Berv (trompa)

Intervalo de 5 minutos

2ª PARTE

FRANZ JOSEPH HAYDN (Áustria, 1732-1809)

Sinfonia em Mi Bemol Maior, nº99

Adagio - Vivace assai; Adagio; Minuete e Trio
(Allegretto); Vivace

Orquestra Sinfônica de Londres regida por Royalton Kisch

ENTRADA FRANCA

et./



Mais ou menos em 1910, tornou-se alvo de atenção, pela linguagem estranha, angustiada e satírica de sua música, ^{ou} um compositor francês, Erik Satie. Suas ^{obras} ~~com~~ posições, cheias de dissonâncias e completamente incompreensíveis para os ouvidos da época, foram entusiasticamente acolhidas por um grupo de jovens compositores, que procuravam meios novos de expressão. Poulenc, Honegger, Milhaud, Tailleferre, Durey, Auric, reuniam-se freqüentemente sob a orientação de Satie, para discutir problemas de estética e técnica musicais. Este grupo de amigos, que foi chamado "Grupo dos Seis", se caracterizou principalmente pela revolta contra o impressionismo.

Interessante é notar-se que toda a revolução processada na música francesa moderna foi realizada dentro de características já adquiridas e perfeitamente incorporadas ao patrimônio musical da França. Desde o movimento de valorização da música sinfônica, iniciado por Saint-Saëns e Lalo, já se notava essa tendência de "inovar dentro da tradição". Como consequência lógica do nacionalismo musical, deu-se uma fuga constante e procurada para o passado, para aquele passado luminoso de Lully e Rameau, os músicos mais nacionalmente franceses dos séculos XVII-XVIII, apesar da influência italiana que sofreram. Fauré, que cultivou dentro do mais puro classicismo uma linguagem musical toda francesa, indicou a diretriz a ser trilhada pelos jovens músicos: "o gosto pela clareza do pensamento, pela sobriedade e pela pureza da forma". Debussy reanimou o estilo admirável dos oravistas franceses e dos mestres da Renascença. E vemos ainda que Debussy, apesar de toda a ousadia de sua estética - no fundo da qual percebemos sempre a poesia - se mantinha sempre nacional. Ao lirismo admirável, às tonalidades justapostas do impressionismo, Satie opunha a clareza um tanto sarcástica de sua música, música intelectualizada de fim de civilização, pretendendo refletir o dinamismo material e angustiados dos anos trágicos que precederam e seguiram a primeira grande guerra. E foi com esse espírito que Erik Satie reuniu em torno de si aqueles moços, de temperamentos e de origens diversas, residindo talvez nessa diferença de sensibilidade e de origem, a falta de unidade estética do grupo, de existência tão efêmera.

Francis Poulenc, um dos representantes do "Grupo dos Seis", nasceu em 1899, em Paris. Sua música possui uma simplicidade, um timbre colorido, uma forte ironia que o tornam senão o músico mais vigoroso, pelo menos o mais representativo do agrupamento de Satie. Suas obras marcantes são as da juventude, aqüesse período



dos "Seis", para cuja apreciação elas são indispensáveis. Pertencem a essa fase as suas obras incluídas no programa de hoje, que exemplificam suas composições para piano e mostram, através da Sonata (ou Trio) para pistão, trompa e trombone, as pesquisas de timbres que orientaram a sua música de câmara, como a de outros músicos europeus da mesma fase. Possivelmente as dissonâncias, a simplicidade extrema, os próprios timbres escolhidos ainda hoje tornem esta sonata difícil para muitos ouvintes, apesar de ter sido escrita há 33 anos atrás. Entretanto, ela tem, como acentua Edwin Evans, "passagens inteiras de uma limpidez quase mozartiana". E se não nos for possível gostar dela, é preciso não esquecer outras palavras do mesmo crítico, sobre as obras de Poulenc: "Se o ouvinte é hostil a essa música, pode ir além e falar em puerilidades. Não se pode discutir essas puerilidades pois que, no fim de contas, o efeito delas depende de idiosincrasias pessoais do paladar musical. Nem toda a gente gosta de azeitona."

Fonte para a apreciação da obra: "Cobbett's Cyclopedic Survey of Chamber Music".

Ados seis: adaptado do comentário ao 17º Concerto de Pianos.

Q. A.

FRANZ JOSEPH HAYDN

Franz Joseph Haydn, compositor austríaco, foi o fixador da forma clássica da Sinfonia. Nesta forma escreveu nada menos de 104 composições, cheias de graça, de ingenuidade, de alegria espontânea e moça, que são os traços mais característicos da pura beleza musical das suas obras.

Entre as suas sinfonias, geralmente são consideradas mais importantes as que compôs para duas séries de concêrtos que, a partir de 1790, realizou em Londres, a convite do empresário Salomão.

Ao lado da sua estrutura técnica vigorosa e segura, essas obras da plena maturidade do gênio de Haydn revelam um ponto que as diferencia das suas antecessoras: - a alegria despreocupada é substituída nelas por uma comoção maior, por marcas de um sentimento mais sofrido e mais rico, atribuíveis à influência que o grande mestre recebeu então do gênio mais inquieto do seu jovem amigo Mozart.

Dessas admiráveis "Sinfonias de Londres" ou "Sinfonias de Salomão", como são chamadas, vamos ouvir hoje a 10a., que tem o nº99 no catálogo geral das sinfonias de Haydn.

Após o grave recolhimento de uma introdução lenta, na qual perpassam vibrações dramáticas, desencadeia-se a alegria forte e sã do primeiro movimento - Vivace assai - alegria que o 2º tema, vagamente melancólico, colore de tons suaves.

Ao passo que Mozart apresenta, nas suas sinfonias e demais peças construídas segundo o plano da sonata, uma temática de proporções relativamente desenvolvidas, a invenção musical de Haydn caracteriza-se pelos temas curtos. Observe-se neste movimento como é pequeno não só o rítmico e incisivo primeiro tema, mas também o 2º, a que todos os compositores costumam emprestar maior amplitude melódica.

O Adagio - 2º movimento - não é o momento mais feliz desta sinfonia. Faltava a Haydn aquele calor de paixão, aquela intensidade de vida interior que dão força aos movimentos lentos. Sente-se que o luminoso gênio haydniano tem pouca coisa a nos contar nos adágios. Por isso, às vezes eles nos parecem longos, embora as suas proporções não sejam realmente grandes.

O Minuete tem o frescor e a graça juvenil de todos os minuets de Haydn.

O Vivace-final é um Rondó, forma em que o tema inicial, funcionando como refrão, aparece após cada nova seção musical, ou estrofe. Este movimento é um delicioso exemplo do eterno bom-humor de Haydn. A música ri e saltita numa vivacidade encantadora,



bruscamente afrouxa o andamento como que cansada, para depois retomar até o fim o seu turbilhonante ímpeto.

(Ao concertá'nis ao 34º Concerto de Liszt.
P. A.)

/ I.S.